

SILVA; HADASSA TAVARES¹, COSTA; AFFONSO HENRIQUE VIEIRA DA²

RESUMO

O domínio tecnológico e a capacidade de adaptação proporcionada pelas revoluções burguesas trouxeram significativas mudanças no que diz respeito às Belas Artes. Em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, Walter Benjamin levanta importantes questões sobre o modo de produção capitalista, seu tecnicismo e como ele modifica toda a sociedade, estendendo-se a todos os âmbitos da vida dos humanos. Debruçando-se sobre essas teses, o autor apresenta as transformações na obra de arte que refletem uma sociedade moldada sob impactos de um modo de vida tecnicista. A arte, ao associar-se à noção de técnica moderna, fragmenta-se no sentido de sua reprodutibilidade: em suas cópias sem valor singular, não há a originalidade, percepção e afecção provocadas por uma criação tradicional. Diante disso, o objetivo desse trabalho é investigar o que seja a “aura” e o sentido de sua perda para Walter Benjamin. Para isso, estudaremos textos do próprio autor, de outros filósofos e também de comentaristas, de maneira que possamos interpretar o sentido que a arte encarna na época de sua reprodutibilidade técnica. A possibilidade de reprodução da arte sempre esteve presente, porém, através do desdobramento gradual desta e com o contexto da fotografia no final do séc. XIX, “a mão liberta-se pela primeira vez, no processo de reprodução de imagens, de importantes tarefas artísticas que a partir de então passaram a caber exclusivamente aos olhos que veem através da objetiva.” (BENJAMIN, 2017, p. 6). A aceleração da reprodutibilidade técnica no final do século XIX torna possível o aparecimento do cinema e mais tarde do audiovisual. Nos anos 1900, o cinema não só havia incorporado a reprodução das outras artes, como também se transformou ele mesmo numa arte. Nesse processo de acelerada reprodução técnica proporcionada pelo cinema, podemos afirmar, que “Por mais perfeita que seja a reprodução, uma coisa lhe falta: o aqui e agora da obra de arte” (BENJAMIN, 2017, p. 7). Para o filósofo, a obra de arte possui um campo fino, magnético e divino que a circunda, lhe dá vida e unicidade, lhe confere a identidade e garante sua autenticidade. No entanto, a partir de um pensamento que se dispõe entre a tradição e a modernidade, nossa pesquisa aponta, por um lado, para a democratização da produção artística, com sua passagem da ritualística para os museus, e destes para os livros ou filmes; por outro, a dinâmica da própria atividade artística, presente na sua aura, que carrega consigo um mundo, tende a se perder com o desenvolvimento tecnológico. É justamente por esse espaço de jogo que o trabalho ora proposto pretendeu se encaminhar com o intuito de compreender não só a época em que escreveu o pensador, como também a nossa época, em que a tecnologia nos impele a pensar em seu sentido junto às artes e na relação entre estética e política numa dimensão em que as forças criadoras têm a possibilidade de serem esmagadas por um projeto civilizatório no âmbito do qual o humano encontra-se de maneira inadvertida em perigo.

PALAVRAS-CHAVE: cinema, reprodutibilidade técnica, aura

¹ UFRRJ, hadassasilva@gmail.com

² UFRRJ, AFFONSO.HENRIQUE@UOL.COM.BR